



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

**O SECULO**

DE SANTA  
≡ RITA ≡

# A LAGARTIXA, o PASTORINHO E A PRINCEZINHA ENCANTADA

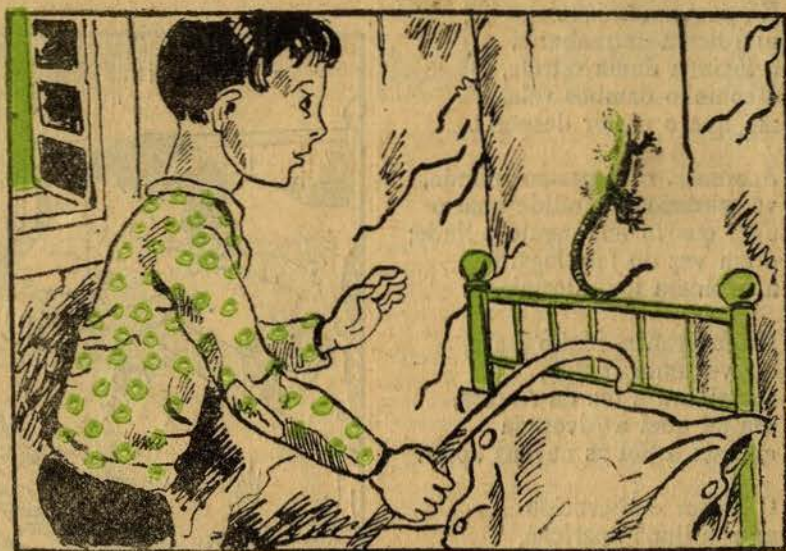
■ Por A. de S. R. ■

Duma racha, na parede  
dum modestíssimo quarto,  
surgiu, um dia, um lagarto,  
que, sempre com fome e sede,  
nunca se sentia farto,

Ora um certo pastorinho  
que fazia o seu «ó-ó»  
nêsse modesto quartinho,  
após um belo soninho,  
nêsse momento acordou.

Ao dar com a lagartixa,  
o pastor, pondo-se em pé,  
começou num tal banzê,  
que de susto, a própria bicha  
pôs-se a gaguejar até:

—«Não me mates, ó pastor,  
«pelo que mais estremeças  
«e a que tenhas mais amor,



«pois, por tam grande favor,  
«eu te darei quanto peças».

Então o pastor, pasmado,  
Já com seu bispo no ar,  
para a lagartixa matar,  
suspende o seu gesto irado,  
ao ouvi-la assim falar:

—Das lagartas sou Rainha!  
«Filha dum rei dos troianos,  
«fui out'rorra princezinha,  
«encantada, há muitos anos,  
«por uma fada daninha.

«O susto, que me causaste  
«restituiu minha fala  
«e ainda bem que mo pregaste,

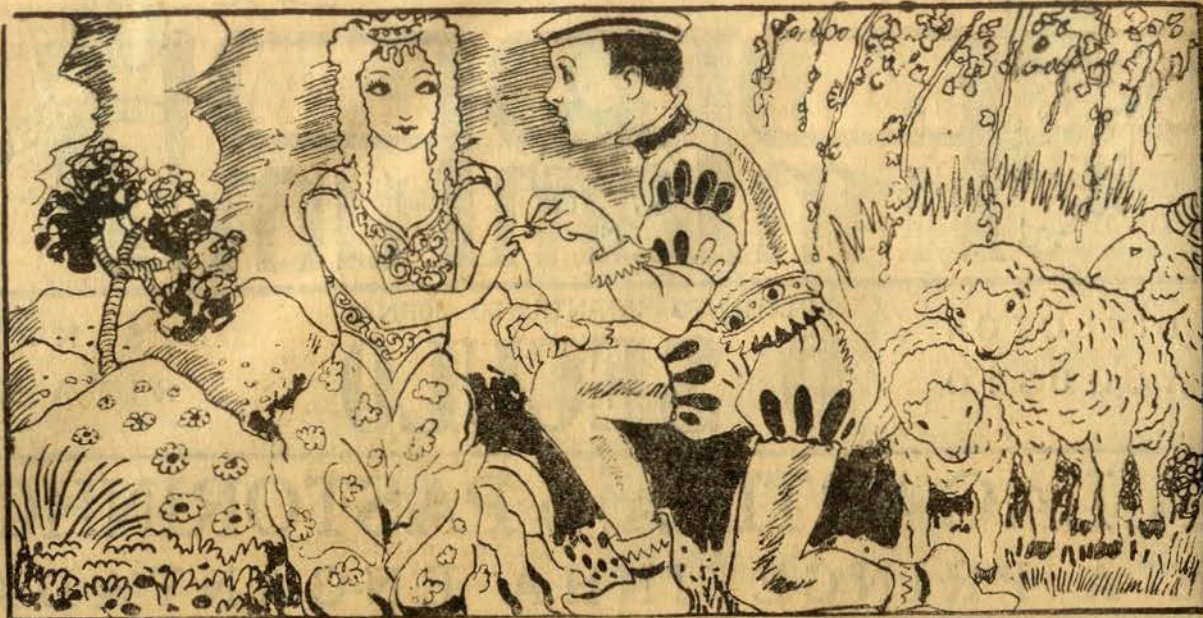
«pois a princesa salvaste  
«e irás já desencantá-la.

«Comigo te deitarás,  
«em tua cama, a meu lado,  
«adormece e sonha em paz,  
«que, depois, quando acordado,  
«a princezinha, verás».

O pastor, com repugnância,  
inda hesitou um momento,  
vendo-a a tam curta distância;  
mas, por fim, cobrando alento,  
vence a própria relutância:

Deita-a na sua caminha,  
põe-lhe a cabeça na fronha,  
mui bem aconchegadinha;





deita-se, também, e sonha,  
 sonha com a Princezinha.

Na pequenina janela,  
 que ticara entreaberta,  
 a luzinha duma estrela,  
 o soninho dambos vela,  
 até que o pastor desperta.

Acorda e, com pasmo infindo,  
 vê mudado o humilde quarto  
 num quarto imponente e lindo;  
 e em vez do feio lagarto,  
 a princesa inda dormindo.

Muito branca, muito loura,  
 e levemente rosada,  
 semelhava a luz da Aurora,  
 era tal qual a Alvorada  
 quando o Sol as nuvens doira.

O pastor embevecido  
 ante a linda aparição,  
 corre a casa do valido  
 do Rei daquela nação,  
 e conta-lhe o sucedido.

Ora o rei dêsse País,  
 que descendentes não tinha,  
 consid'rava-se infeliz,

e ao saber da Princezinha,  
 logo conhecê-la quiz.

Pela mão do pastorinho,  
 levada ao paço real,  
 logo o Rei disse ao meirinho  
 que chamasse um cardeal  
 e viesse de caminho.

Decorrida meia hora,  
 em sua régia Capela,  
 que estava deslumbradora,  
 com mil luzinhas de vela,  
 eis o casamento, agora,  
 do pastorinho com ela.

Sobem foguetes ao Céu,  
 toca a música em redor  
 e, logo, após o Himenêu,  
 aclamam Rei o pastor  
 que a todos tira o chapéu.



■ Fim ■

## Concursos Mensais de Poesias e Contos Infantis

Acusamos a recepção das produções dos seguintes con-  
 correntes:

— Humberto de Andrade, José da Costa Pereira, Angelo  
 Cardoso P. de Almeida, Noel, Manoel da Silva Marinho,  
 Maria Ana Marreiros, Pedro Mariares Vasconcelos, M. J.  
 valentos, Maria Tereza, Maria Isabel M. Simões Dias,  
 Raul Augusto de Carvalho, Augusta Araújo, F. Vasconce-  
 los, José A. de S. Glória, Madalena Taveira, Ofélia Borba,  
 Ruy Enes, Joaquim B. Ferreira e António de Oliveira.

## CORRESPONDENCIA

«Mariavina da Amadora» — Recebemos os contos para  
 o Concurso.

Maria Zita S. Correia — Idem.

Maria Antonieta F. F. — Acusamos a recepção das  
 duas poesias.

Fernando Silva — Recebemos o conto.

A. Marival — Em resposta à tua pergunta temos a di-  
 zer-te que qualquer concorrente pode enviar produções  
 para ambos os concursos ou para um só e quantas quizer.

TIO PAULO



# O sonho da pastorinha

Por José Teixeira Junior

Desenhos de A. Castañé

A' amiguinha Ariete, protectora de ceguinhos, este pequeno conto de ceguinhos, que a deve enternecer.

**U**M daquêles grandes temporais, que, freqüentemente, no inverno, assolam a costa de Portugal, atirou com um grande paquete da carreira do Brasil de encontro aos rochedos das Berlengas.

E isso foi uma grande desgraça. O navio ficou inutilizado logo depois do choque contra os rochedos, e os passageiros, transidos de terror, atiraram-se uns ao mar, outros para dentro das baleeiras, tumultuosamente, numa desordem pavorosa e cruel, separando-se as famílias, que nunca mais puderam reunir-se completamente, devido à grande mortandade provocada pelo sinistro.

Entre os náufragos, salvos por vários vapores, que acudiram ao chamamento ansioso de vários S. O. S. veio para terra uma linda menina, dos seus 8 anos, a quem a má sorte continuou perseguindo, pois que, não se sabe como, foi parar ao acampamento dum

mais que a sua nova família tratava-a carinhosamente, havendo, entre ela, pessoas que tocavam e cantavam admiravelmente.

A pequenina naufraga tinha uma linda voz. Era inteligente, e possuía extraordinária vocação para a música. Em face destas boas qualidades, logo adivinhadas pelos ceguinhos, ensinaram-na a tocar violino e a cantar lindas canções, tristes e dolentes, daquelas estranhas canções que os pobres costumam cantar para aliviar suas almas magoadas e comover os corações felizes dos que vêem.

Ivete, assim se chamava a pequenina artista da comoção e da dor, ocupou, rapidamente, o primeiro lugar no infeliz grupo. Ela, que tantas vezes tinha chorado, ouvindo cantar e tocar, fazia agora, por sua vez, chorar os outros que a ouviam.



quena tenda que servia de choupana quando a noite ou o calor tórrido os surpreendia nas longas caminhadas, e um cãozinho branco, chamado Joli, que além de ser o seu enlevo e o seu maior amigo, era, também, o melhor guarda de Ivete.

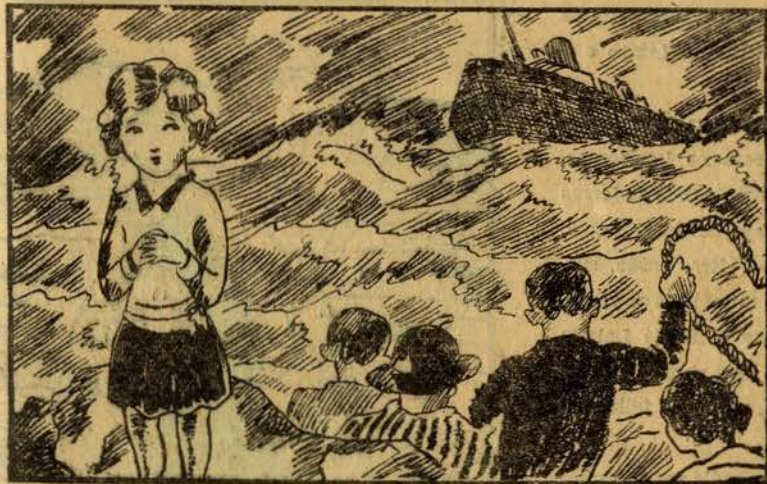
Quiz o destino que os passos do pequeno grupo se encaminhassem para a Beira Alta, onde, anos antes, haviam colhido boas esmolas numa «tournée» igual. E uma noite... uma noite, surpreenderam-se a meio duma serra, onde armaram a tenda, fizeram o caldo e dormiram tranqüillamente, sem insónias nem sonhos, que os não podiam ter, assim conformados já com a vida que levavam.

Havia, nessa serra, uma pequena pastora a quem chamavam *A Vidente*, por várias vezes ter caído em extase e previsto, nêsse estado estranho, vários acontecimentos na vida dos povos vizinhos.

Guardava o seu gado com a consciência de quem pratica um dever. E que era uma rapariga simples, que amava a serra, com a sua paisagem, ora brava ora suave, e que, sobretudo, amava o seu rebanho — aquele rebanho dócil, que lhe conhecia o voz, que obedecia ao seu mando, que confiava na sua guarda, e que se deitava, às vezes, a seus pés, numa inconsciência bem dita, agradecendo-lhe a sua quási maternal protecção.

Ora esta pastorinha teve, um dia, uma visão que deixou muita gente deveras abismada e cheia de interesse, porque, dessa vez, se haveria de ficar sabendo, duma maneira definitiva, se os seus extases eram inconscientes

(Continúa na pag. 6)



grupo de ceguinhos que andavam cantando de terra em terra, para angariar os meios da sua triste e desesperançosa vida.

Mas os ceguinhos não a trataram mal. Pelo contrário, cumularam-na de afagos e carinhos, como se fôsem seus pais.

A criança, (que sempre vivera na opulência, pois os seus pais eram ricos proprietários em Vizeu, tam ricos que iam ao Brasil, em viagem de digressão, só com o fim de visitarem alguns parentes), estranhou muito, de começo, a sua nova família e a sua nova vida. Mas na sua idade tudo esquece com facilidade, pela falta de consciência das coisas da vida e do mundo; tanto

Até os seus próprios companheiros a consideravam uma fada maravilhosa possuidora dumá rara virtude.

Um dia o grupo resolveu fazer uma digressão pelas Beiras — terras de gente pobrezinha, simples e triste, que sabe arrancar, do próprio infortúnio, as esmolas bemditas que alegram e felicitam os ceguinhos que cantam e fazem chorar, que sabem fazer esquecer como os narcóticos, as agruras da vida.

E meteram pernas a caminho, indo de terra em terra, cantando as suas canções e recolhendo, aqui, as esmolas com que haviam de comer além...

Era verão. Os ceguinhos só no verão pôdem abalançar-se às *tournées* desta natureza. Levavam consigo uma pe-





**Z**é Labuta e Zé Madraço eram as alcunhas de dois modestos fazendeiros do Douro. Quanto o primeiro era trabalhador e activo, era o segundo, além de ambicioso, mandrião e indolente.

De contíguas fazendas, separadas apenas por um baixo muro de tóscas pedras sobrepostas, eram vizinhos de índole diversa e opostos temperamentos, que, mutuamente, se saudavam e, freqüentemente, discutiam os próprios rendimentos, a produção das colheitas, o tempo e a marcha da lavoura.

Ti'Zé Labuta era, sempre, o primeiro a aparecer na fazenda. Mal o sol despontava, tornando cõr de rosa os horizontes, já êle andava, conduzindo os bois ao arado, arroteando as terras e semeando o milho, principal produção da sua herdade, a qual, no tempo propício, se enchia de maçarocas. Era, então, surpreendente o espectáculo da grande seára de milheirais ao vento, luzindo ao sol, quais bagos de ouro, e que o Ti Zé Labuta atravessava, orgulhoso, deixando ver apenas uma parte do busto, imerso até à cinta vermelha, que êle usava, na densa folhagem verde da fértil produção.

Ti'Zé Madraço, ao contrário, tardiamente acudia aos amanho da terra, que êle herdara, também, de seus pais e avós, desleixando, assim, as suas obrigações e dando lugar, no tempo das colheitas, a um manifesto contraste entre as duas herdades: — tam fértil uma e tam árida a outra!

Mestre Inventa era a alcunha dum pseudo-sábio daquela terra, pois que tinha mais de lunático do que de sabichão. Passava os dias fechado num improvisado laboratório e pro-



# O Bago de Milho, em Ouro

Por AUGUSTO DE SANTA-RITA  
Desenhos de ADOLFO CASTAÑE

clamava-se, entre os ingénuos e ignorantes aldeões daquela povoação, um grande alquimista e um genial inventor.

Ti'Zé Labuta, rindo-se da sua prosápia, teorias e transcendências, chamava-lhe mestre Parlapatão, fazendo ir às do cabo o Zé Madraço que, a todo o transe, o defendia, considerando-o uma alta sumidade.

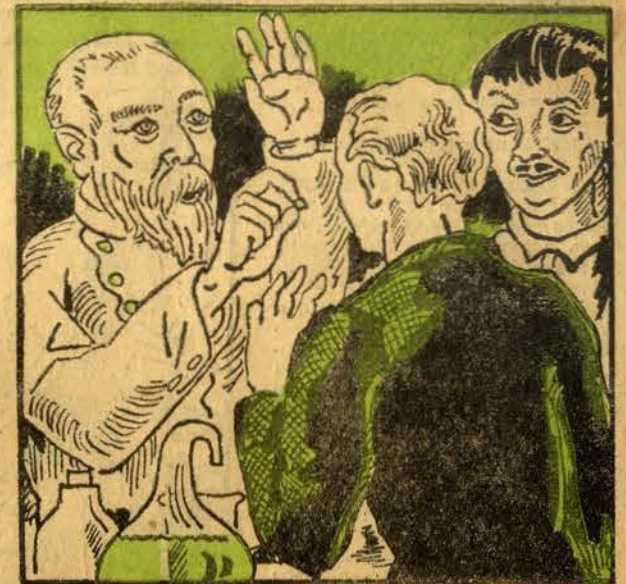
Sabendo o aprêço em que êste o tinha, Mestre Inventa convidou-o, um dia, a visitar o seu laboratório. Gostosamente recebido tam honroso convite, Ti'Zé Madraço dispôs-se a apreciar, devidamente, seus numerosos inventos.

Boquiaberto assistia, finalmente, às suas exposições científicas, por vezes confusas e inacessíveis à sua compreensão.

Uma, porém, conseguiu interessá-lo por ser de fácil assimilação e pela utilidade que antevia em tam singular descoberta. Consistia ela na reprodução dum bago de milho, fabricado em ouro, e que, segundo afirmava o autor do invento, uma vez introduzido num simples vaso com terra, desabrocharia em maçarocas de ouro, cuja venda, depois, renderia cem vezes mais que a produção dum grande milheiral.

— «E quanto pode custar um simples bago dêste milho?» (interrogou o ingénuo aldeão, já disposto a comprá-lo).

— «Seis mil escudos: — (respondeu o Mestre Inventa, dissimulando a alegria que lhe causara a proposta, com a frase tam usual entre os parlapatões: — por ser para quem é!»



Como não trouxesse consigo a referida importância, Zé Madraço voltou no dia imediato, pagou e levou o bago de milho em ouro que, nesse mesmo dia, semeou num vaso.

Abandonando, totalmente, as terras da sua herdade, onde apenas, agora, floriam cardos, levava o tempo a dormir, de pança para o ar, baldadamente aguardando o germinar do bago maravilhoso.

Chegado, finalmente, o tempo da colheita, ao vêr, de novo, o milheiral radioso do vizinho Labuta, cheio de maçarocas, e o seu vaso na mesma, sem o menor rebento, resolveu desenterrar o bago em ouro e ir restituí-lo ao Mestre Inventa, reclamando a quantia que êle lhe custára.

Qual não foi, porém, a sua surpresa, ao saber que o sabichão-vigarista havia partido, há meses, para a cidade.

Madraço, envergonhado, resolveu, então, vender a terra que herdara, ao Zé Labuta e abandonar, também, a povoação.

Um ano decorrido, todavia, escorraçado pela sorte que merecera, voltou à sua terra natal, de surrão e sacola, pedindo de casa em casa. Rôto e esfomeado, bateu por fim também, à porta do Zé Labuta, mal reconhecendo a sua antiga herdade, tam exuberante e florescente agora! Recebido de braços abertos pelo bom ti'Labuta, que era, presentemente, o mais importante lavrador da aldeia, acabou por concordar que a verdadeira riqueza consiste no trabalho honesto e que, sem o próprio esforço e persistência, não há possível prosperidade.

||| FIM |||



## O SONHO DA PASTORINHA

(Continuação da pag. 3)

e verdadeiros ou premeditados e enganosos.

E essa visão foi que estava acampado, na serra, um grupo de ceguinhos, acompanhados por uma linda menina, que cantava e tocava maravilhosamente, como nunca se vira nem ouvira já mais. Que esse grupo se aproximava da aldeia, onde uma estrela lhes apareceria a indicar-lhes um caminho, tal como outrora sucedera aos pastores da Judeia, quando da Anunciação do Deus Menino. E que esse caminho iria dar à casa dos pais da maravilhosa cantora, os quais, anos antes, a haviam perdido numa terrível tempestade, lá longe, nas águas terríveis do mar largo.

Assim que os ceguinhos chegaram à aldeia, com a pequena Ivete tocando e cantando uma canção dolorida, toda a gente da povoação, admirada e enternecida, foi ao seu encontro, a fim de a informar da visão da pastora.

Grande acontecimento foi esse para os ceguinhos e para Ivete, principalmente, ao ouvirem a inesperada história, logo confirmada com o aparecimento, da estrela prevista.

Uma só canção se ouviu mais. E essa canção foi um agradecimento a Deus e como que a repetição do bíblico «Hino de Glória a Deus nas Alturas», cantado pelos anjos na primeira noite de Natal, uma canção que extasiou toda a aldeia e a própria pastorinha vidente.

E lá foram os ceguinhos, Ivete e o Joli, no rasto luminoso da estrela providencial.

Andaram, andaram, durante três dias e três noites, até que foram ter a Vizeu, onde a Estrela parou à porta dum palácio antigo.

Aí, como impelidos por força estranha, cantaram a mesma canção que na aldeia havia extasiado o povo.



Então, à janela do velho palácio assomaram uma senhora formosa mas triste, e um homem distinto mas acobrunhado.

Eram os pais de Ivete, os quais logo a reconheceram, com a aguda perspicácia consequente desse amor paternal que sempre tudo adivinha.

Alegria! Alegria!

As portas do palácio abriram-se e naquela casa parecia que todos tinham enlouquecido. Até os ceguinhos, coitados, que nada viam mas tudo ouviam, sofriam o contágio de tam sublime loucura.

Hora bendita é aquela em que uns pais encontram um filho julgado morto ou perdido, e em que um filho, julgado órfão, encontra, afinal, os seus verdadeiros pais!

Os meninos que os teem devem sempre adorá-los.

Os pais de Ivete, pródigos nas venturas que dispensaram à sua adorada filha, também o foram para os ceguinhos e para a pastorinha vidente. Mandaram os ceguinhos aos melhores especialistas oftalmológicos do mundo, os quais lhes restituíram, por um milagre da ciência, a mais bela coisa que podiam dar-lhes: — a vista!

E a pastorinha deram uma linda casa na sua aldeia, com muitas terras e muitos rebanhos.

Ivete casou alguns anos depois e foi muito feliz.

Até mesmo o gracioso Joli ficou a ganhar, pois lhe deram boa cama, boa mesa, e até um *fatinho-macaco*, que lhe assentava como uma luva...

**FIM**

## Concursos Mensais de Poesias e Contos Infantis

### ATENÇÃO

O «Pim-Pam-Pum» tem o prazer de participar, aos seus pequeninos e grandes leitores, que até ao fim de cada mês, se encontram abertos sucessivos CONCURSOS DE POESIAS E CONTOS INFANTIS, segundo a seguinte ordem:

- 1.º CONCURSO: — UMA POESIA INFANTIL  
2.º » UM CONTO INFANTIL

Os concorrentes de idade inferior a 14 anos, enviarão os seus trabalhos com a designação de *Concurso 1.º ou 2.º* e em letra bem legível a *Serie A* que abrange este limite de idade.

Os concorrentes de 14 a 18 anos de idade, enviarão os seus trabalhos com a designação de *Concurso 1.º ou 2.º* e em letra bem legível a *Serie B* que abrange este limite de idade.

Os concorrentes de idade superior a 18 anos — (qualquer que ela seja) — enviarão os seus trabalhos com a designação de *Concurso 1.º ou 2.º* e em letra bem legível a *Serie C*, sôb que ficam designados.

Cada produção deverá ser enviada à redacção do *Pim-Pam-Pum*, Rua do Seculo, 43, acompanhada dum envelope lacrado, mencionando exteriormente o título da produção, designação de *Concurso 1.º ou 2.º* e *Serie A, B ou C*, conforme o disposto nas condições estabelecidas e contendo interiormente o nome, morada e idade do concorrente.

O «Pim-Pam-Pum» publicará durante o mês imediato ao concurso, todas as produções que obtiverem os primeiros prémios, acompanhadas dos retratos dos seus autores ou autoras e bem assim todas aquelas que o «Pim-Pam-Pum» entenda merecerem publicação. Está pois aberto desde o dia 1 do corrente o

### Primeiro Concurso Mensal de Poesias e Contos Infantis

cujo praso, para entrega de originais, termina no próximo dia 30 de Abril. No dia 4 de Maio será dado o resultado do concurso e no dia 11 publicadas as produções que tiverem obtido os seis primeiros prémios das Séries A, B e C.



# CONCURSOS MENSAIS DE POESIAS E CONTOS INFANTIS

## LISTA DOS PRÉMIOS

### 1.º CONCURSO

#### Uma poesia Infantil

Ao primeiro classificado da

#### SÉRIE A

UM LINDO BRINQUEDO

e

UM BELO LIVRO DE HISTORIAS  
lindamente ilustrado

Ao primeiro classificado da

#### SÉRIE B

UMA DELICIOSA CAIXA DE  
BOMBONS

e

UM EXEMPLAR DO LIVRO: —  
CEU ABERTO  
de D. Virginia de Castro e Almeida  
lindamente ilustrado

Ao primeiro classificado da

#### SÉRIE C

UMA COLEÇÃO DE PERFUMES  
da célebre marca Nally

e

UM EXEMPLAR DO LIVRO: —  
EM PLENO AZUL  
de D. Virginia de Castro e Almeida  
lindamente ilustrado

### 2.º CONCURSO

#### Um Conto Infantil

Ao primeiro classificado da

#### SÉRIE A

UM LINDO BRINQUEDO

e

UM BELO LIVRO DE HISTORIAS  
lindamente ilustrado

Ao primeiro classificado da

#### SÉRIE B

UMA DELICIOSA CAIXA DE  
BOMBONS

e

UM EXEMPLAR DO LIVRO: —  
CEU ABERTO  
de D. Virginia de Castro e Almeida  
lindamente ilustrado

Ao primeiro classificado da

#### SÉRIE C

UMA COLEÇÃO DE PERFUMES  
da célebre marca Nally

e

UM EXEMPLAR DO LIVRO: —  
EM PLENO AZUL  
de D. Virginia de Castro e Almeida  
lindamente ilustrado

Os dois lindos brinquedos que constituem os prémios da Série A, são gentilmente oferecidos pelo BAZAR ITALIANO, da Rua Augusta, 228-232 uma das casas mais bem fornecidas no seu género. Os livros são oferta da conceituada LIVRARIA CLASSICA EDITORA, da Praça dos Restauradores, 7. As duas ricas colecções de perfumes Nally, da afamada FABRICA NALLY, cujos produtos rivalisam com o que de melhor se fabrica no estrangeiro, e as deliciosas caixas de bombons da acreditada casa Nestlé — R. Ivens, 11 e 13, Lisboa.

## DESENHOS INFANTIS

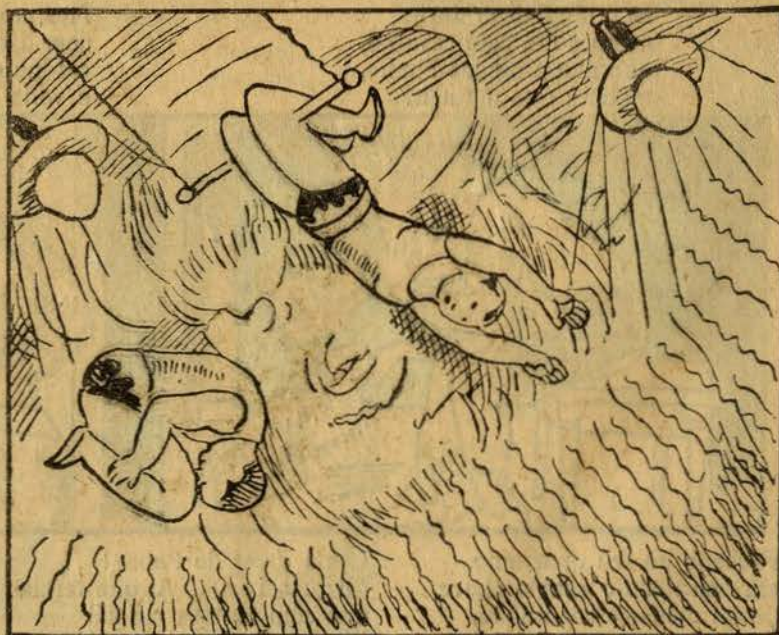


Desenho do menino Mário Oliveira Rulvo de 6 anos de idade.

Borba, Abril de 1933.

*Z. P. Parinho*

## A DIVINHA



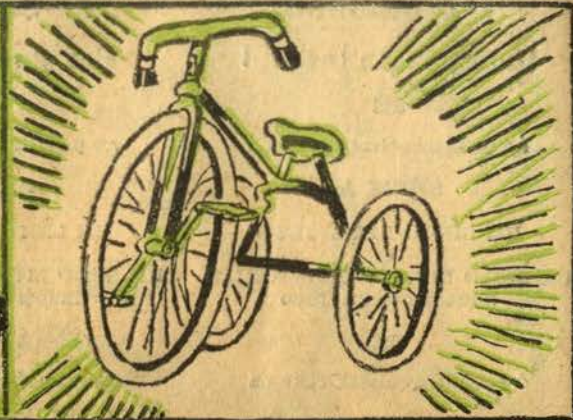
Meus meninos: Vejam se descobrem o empregário deste circo?



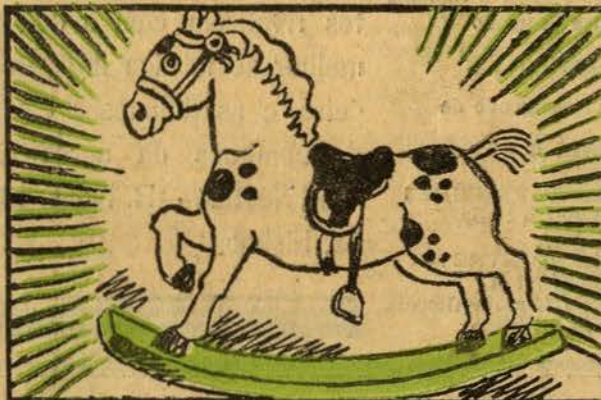
## O EXPEDIENTE DE NICODÉMIO



O papá do Nicodémio  
que é um «nem sei que lhe chame»,  
pois se até o demo teme-o,  
prometeu-lhe um rico prémio,  
se fizesse um bom exame.



Para mais o estimular,  
junto a uma montra repleta,  
diz-lhe o pai: — «Se bem ficar,  
pode, desde já, contar  
com aquela bicicleta.



Ou, então, — (diz-lhe o paisito)  
se o menino preferir,  
compro-lhe este cavalito,  
que não é menos bonito,  
embora seja a fingir.



Finalmente, sobe à lousa...  
Mas, após examinado,  
sem dizer cousa com cousa,  
cai-lhe em cima uma «raposa»  
e volta a casa «chumbado».



Fechado no seu quartinho,  
em seu rosto o pranto chove,  
de tal modo, escorridinho,  
que até o seu cachorrinho  
ao vê-lo, assim, se comove.

Como dizer ao Papá?!...  
(diz consigo:) — Ai que tarefa  
que com certeza me dá!  
Oh que situação tão má!  
Mas, nisto, teve uma idéa:



Indo o papá procurar,  
diz-lhe, a sorrir, Nicodémio:  
— «Boa nova eu venho dar:  
pai, já não tens que gastar  
dinheiro com o meu prémio.